

CARTA DOS EDITORES CONVIDADOS

Nos últimos anos, o campo da saúde internacional tornou-se sujeito e objeto de um renascimento acadêmico, atraindo a atenção para o tema de modo muito mais abrangente do que acontecia anteriormente entre especialistas, profissionais das instituições e críticos e comentaristas ocasionais. O estudo da saúde internacional, suas motivações, princípios, prioridades e paradigmas – e sua estrutura dual de saúde pública e política – têm gerado um debate saudável e, por vezes, uma crítica contundente. Eles apontam sempre a centralidade do campo de estudos para relações internacionais atuais e passadas, para a compreensão das condições de saúde em nível local e nacional, e para as políticas públicas.

Apesar do mencionado renascimento, a maior parte dos trabalhos acadêmicos nessa área tende a partir da análise das “supra-instituições” da saúde internacional. A coletânea de artigos que apresentamos a seguir analisa a saúde internacional no decorrer do século XX através de diferentes lentes, como arena dinâmica, na qual atores locais – sindicatos, curadores, profissionais de saúde e cidadãos –, autoridades nacionais, pesquisadores e especialistas em políticas públicas, profissionais transnacionais e agências internacionais interagem, modelam-se e remodelam-se uns aos outros.

A América Latina apresenta um panorama particularmente favorável ao estudo de ideologias, instituições e práticas de saúde internacional, dadas as preocupações com saúde pública enraizadas não só nos projetos de criação de Estados, no decorrer do século XIX, como nos movimentos políticos, e nas instituições educacionais e culturais. A região tem longo envolvimento com a arena internacional – instigado tanto de dentro quanto de fora – e uma história de inabalável esperança em meio a contínuos problemas econômicos e políticos. Certamente, é muito diversificada, e os artigos analisam tanto as particularidades locais quanto os temas comuns, apresentando um repertório variado de abordagens, perspectivas e metodologias. Eles refletem o significativo crescimento, ao longo dos últimos 15 anos, do campo da história da saúde pública na América Latina e no Caribe, e indicam o amadurecimento de uma área de pesquisa que se institucionalizou e profissionalizou.

Este número de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* reúne artigos escritos por historiadores, cientistas políticos e uma socióloga – todos especialistas em saúde pública e políticas de saúde na América Latina. A maioria dos trabalhos foi apresentada no *workshop* “As Perspectivas da Saúde Internacional na América Latina”, organizado por Anne-Emanuelle Birn na Universidade de Toronto, de 5 a 7 de maio de 2005. Outros artigos apresentados no *workshop* serão publicados em 2007, em edições especiais do *Canadian Bulletin of Medical History* e no *Canadian Journal of Public Health*. Somos imensamente gratos ao Social Sciences and Humanities Research Council of Canada, à Associated Medical Services, Inc., ao Canada Research Chairs Program, ao Connaught Fund for International Symposia, à Lupina Foundation e ainda ao Comparative Program on Health and Society, bem como a várias unidades da Universidade de Toronto, por seu generoso patrocínio ao *workshop*, e por terem viabilizado, indiretamente, esta edição especial de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Agradecemos à OPAS-Brasil o apoio na tradução de alguns artigos.

O objetivo desta edição temática é estimular o debate sobre saúde internacional, em perspectiva histórica, no Brasil e nos demais países das Américas. Nosso esforço em traduzir para o português os artigos escritos em língua inglesa – e que se encontram ao lado de artigos originalmente escritos em espanhol e português – deve-se à intenção de tornar mais acessíveis aos historiadores e aos especialistas e profissionais de saúde nos países ibero-americanos os tópicos aqui apresentados. Ao mesmo tempo, esperamos ampliar essa perspectiva latino-americana do campo da história da saúde internacional para além dos limites do mundo ibero-americano. Para atingir esse objetivo, todos os artigos traduzidos estarão disponíveis na língua original na versão eletrônica desta revista em www.scielo.br/hcsm.

Dado o longo envolvimento da América Latina com agências e programas de saúde internacional – especialmente o Bureau Sanitário Pan-Americano (atual Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS), primeira agência de saúde internacional no mundo –, a região oferece ponto de vista especialmente proveitoso para a análise da trajetória e da atual renovação do campo. As experiências da América Latina com a saúde internacional abrangem desde o antigo relacionamento entre América Central e Estados Unidos através da ajuda, intervenção e absorção de modelos de saúde pública desse país, até as ligações mais estreitas do sul do continente com abordagens e tradições da França, passando pelos cenários mais amplos do México e do Brasil, com variadas influências internacionais e domésticas se entrelaçando ou chocando. Muitos países da região não apenas adaptaram criativamente os programas internacionais às necessidades locais, como ofereceram inovações ao sistema de saúde internacional. Entretanto, até o presente conhecemos muito pouco sobre essas interações e, especialmente, sobre como a saúde internacional foi configurada por esforços locais. Como veremos nos artigos multidisciplinares aqui incluídos, o papel da América Latina na saúde internacional tem sido, por vezes, central e, por vezes, marginal aos esforços globais, porém permanece sempre engajado com tópicos, ideologias e principais atores do campo.

A presente edição de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* inicia-se com a análise de Paul Weindling sobre o envolvimento da Organização de Saúde da Liga das Nações com a América Latina. Mostra esse autor que as ligações entre os interesses latino-americanos e europeus na área da saúde pública foram muito mais extensivas do que inicialmente previsto, e que Genebra serviu de importante contraponto, com sua medicina socialmente orientada, ao Bureau Sanitário Pan-Americano baseado em Washington. O artigo mostra que o intercâmbio internacional de especialistas e conhecimentos era multifacetado e multidirecional, tornando-se o apoio da América Latina à Organização de Saúde da Liga das Nações cada vez mais importante em meio às tensões políticas da década de 1930.

O artigo de Steven Palmer trata das campanhas da Fundação Rockefeller contra a ancilostomíase no Caribe. O autor analisa como as exigências de um projeto de saúde pública que buscava tornar a biomedicina inteligível aos sistemas de crenças médicas das populações alvo foram combinadas com o conhecimento de funcionários locais da Fundação Rockefeller de ascendência indo-caribenha, gerando fascinantes experiências de tradução etno-médica. O artigo desafia a visão de que as ações pioneiras da Fundação Rockefeller em saúde internacional foram regidas por rígidos princípios biomédicos.

Juliana Martinez Franzoni, socióloga, busca preencher uma lacuna na literatura de ciência política – a do papel das opções de políticas que estão disponíveis e que circulam internacionalmente. Utiliza as recentes reformas costa-riquenhas em saúde como estudo de caso para mostrar como é formulada a política pública. Sua contribuição teórica consiste em mostrar como a “emulação seletiva” de alternativas disponíveis explica por que e como

determinadas reformas foram adaptadas ao contexto costa-riquenho. O artigo representa importante contribuição para análises que lidam com a relação entre desenvolvimentos nacionais e modelos internacionais.

Por sua vez, Theodore Brown, Marcos Cueto e Elizabeth Fee analisam a emergência do termo “saúde global” e as tentativas da Organização Mundial da Saúde em situar seus próprios esforços no contexto desse novo paradigma. Tais tentativas são vistas como uma maneira de sobreviver em meio a um campo atualmente repleto de atores. Brown, Cueto e Fee demonstram que a OMS começou a se remodelar e reposicionar no papel de coordenação, planejamento estratégico e liderança de iniciativas de “saúde global”, em resposta a um contexto internacional em rápida transformação a partir da década de 1980.

O cientista político Antonio Torres-Ruiz faz uma análise crítica da teoria da globalização ao examinar o impacto de ativistas globais do HIV/Aids e de redes de políticas na formulação de políticas sobre a doença no México. O autor enfatiza o contraste entre, de um lado, as redes de políticas públicas exclusivas, como as atuantes nas reformas estruturais e, de outro lado, as redes de políticas públicas que atuam no campo do HIV/Aids, com características democráticas e inclusivas.

Anne-Emanuelle Birn examina o pouco conhecido papel do Uruguai na criação de um instituto internacional de saúde e bem-estar infantil na década de 1920. Ao traçar os elos entre especialistas em saúde pública uruguaios e suas contrapartes estrangeiras, na contínua busca por meios efetivos de lidar com o problema da mortalidade infantil naquele país, a autora mostra que idéias e práticas de saúde infantil não eram propriamente difundidas a partir da metrópole, mas circulavam internacionalmente. Esse estudo sugere que para compreender a evolução da saúde pública nacional e internacional é preciso analisar o intrincado processo de dar e receber – e a multidirecional viagem de ideologias científicas, políticas e práticas.

Enrique Beldarrain Chaple discute, de uma perspectiva latino-americana, um dos mais inovadores aspectos da saúde internacional: a experiência cubana de cooperação em saúde. Com um impacto direto sobre a construção de solidariedade entre países em desenvolvimento na América Latina e em outras regiões, essa ajuda desempenhou importante papel simbólico politicamente durante a Guerra Fria, quando os países do Terceiro Mundo serviram de títeres para Leste e Oeste. A cooperação cubana em saúde também suscita o debate sobre a estrutura da ajuda estrangeira, as diferenças de poder entre doador e cooperante, e o papel do internacionalismo da saúde na construção da imagem externa e da identidade nacional.

O artigo de Klaudia Dmitrienko aborda tópico inexplorado: o relacionamento tardio do Canadá com a Organização Pan-Americana da Saúde. Ao analisar as razões oficiais para a demora, assim como seu contexto político e social, a autora ajuda a explicar como e por que o papel do Canadá na América Latina tem sido ofuscado pelo dos Estados Unidos e da Europa, e como aquele país ocupou na região, de modo descontínuo, um nicho diferenciado quanto à saúde internacional, seguindo por vezes a liderança dos Estados Unidos, mas por vezes forjando seu próprio caminho, ao apoiar, por exemplo, as abordagens de saúde e direitos humanos durante as guerras civis na América Central, na década de 1980.

Marta de Almeida aborda o tema das redes de intercâmbio científico na América Latina, particularmente na área da medicina e higiene pública nas primeiras décadas do século XX. Destaca os Congressos Médicos Latino-Americanos e as Exposições Internacionais de Higiene como momentos cruciais de um movimento mais amplo de ampliação dos intercâmbios científicos e de organização do campo profissional da medicina no continente, em contraste com interpretações que postulam a ausência de trocas intra-regionais.

Este número de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* inclui ainda uma entrevista com Elizabeth Fee, historiadora, chefe da Divisão de História da Medicina da Biblioteca Nacional de Medicina nos Estados Unidos e autora de inúmeros livros e artigos que conformaram o campo da história da saúde pública. Nessa entrevista, realizada durante sua visita à Fundação Oswaldo Cruz, em abril de 2006, Fee discute sua trajetória profissional, seus objetivos de pesquisa e suas principais publicações. Fala também sobre o projeto *Global Health Histories* (Histórias da Saúde Global), patrocinado pela OMS, do qual ela é uma das principais protagonistas.

Esta edição, esperamos que os leitores concordem, apresenta importante panorama de uma dinâmica arena de estudos que terá continuidade através de novos seminários, publicações, teses e dissertações, e que reforçará os elos entre a história, a saúde das populações e o campo da saúde internacional.

Toronto e Rio de Janeiro, junho de 2006.

Anne-Emanuelle Birn e Gilberto Hochman